

AS FORMAS DE TRATAMENTO NOMINAIS MULHER E MINHA FILHA
NO FALAR DE FORTALEZA

THE NOMINAL TREATMENT FORM *MULHER* AND *MINHA FILHA* IN
THE SPEECH OF FORTALEZA

Aluiza Alves de Araújo

Universidade Estadual do Ceará

aluizazinha@hotmail.com

Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimarães

Universidade Estadual do Ceará

tatianeasguimaraes@gmail.com

Maria Lidiane de Sousa Pereira

Universidade Estadual do Ceará

lidiane_lidiarock@hotmail.com

RESUMO: Com base na Sociolinguística Variacionista e na Teoria da Semântica do Poder e da Solidariedade, abordamos o uso variável das formas de tratamento nominais *mulher* vs. *minha filha* no falar popular de Fortaleza. Intentamos verificar qual a variante mais produtiva e analisar a influência de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos sobre esse fenômeno. Os dados indicam que a forma *mulher* tende a ser mais usada na amostra deste estudo. De igual modo, vemos que a variante *mulher* é favorecida exclusivamente por fatores extralinguísticos, a saber: *faixa etária* (falantes com 15-25 anos) e *escolaridade* (falantes com 5-8 anos de escolarização), nessa mesma ordem de relevância.

PALAVRAS-CHAVE: Formas de tratamento nominais. *Mulher* vs. *minha filha*. Falar de Fortaleza – CE. Sociolinguística Variacionista. Teoria da Semântica do Poder e da Solidariedade.

ABSTRACT: Based on the Variationist Sociolinguistics and on the Semantics' Theory of Power and Solidarity, we analyze the variable use of the treatment forms *mulher* vs. *minha filha* on the popular speech of Fortaleza. Our aim is to verify which variant is

more productive and to analyze the influence of linguistic and/or extralinguistic factors about this phenomenon. The data indicate that the treatment form *mulher* tends to get more used in the sample analyzed. The same way, we see that the variant *mulher* is favored exclusively by extralinguistic factors, such as: *age* (speaker with 15-25 years) and *education* (speakers with 5-8 years of education), in this order of relevance.

KEYWORDS: Nominal treatment forms. *Mulher* vs. *minha filha*. Fortaleza's - CE Speech. Variationist Sociolinguistics. Semantics Theory of Power and Solidarity.

Introdução

Alicerçado em dois grandes pilares teóricos, isto é, na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008) e na Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), este trabalho aborda o uso variável das formas de tratamento nominais *mulher* vs. *minha filha*, no falar popular de Fortaleza – CE, conforme ilustram os excertos de 1 a 3, retirados da amostra de fala usada neste estudo:

- (1) Inf:¹2: *minha filha... a palavra de Deus tem que tá sempre aberta* (Inq. 49).
- (2) Inf. 2: *foi não vamos fazer uma vaquinha para que o colégio que estava falindo ((risos)) mas é história mulher tu é doida é ? ((risos)) mas o engraçado é que todo ano inventa essas histórias né é incrível* (Inq. 122).
- (3) Inf. 2: *ficou com um menino lá... mulher... e... babado quantíssimo.: pelo amor de Deus ((risos)) ela ficou com um menino lá diz que ele era lin::do* (Inq. 122).

Diante desse fenômeno e do reconhecimento de que não há, até o momento, nenhum outro estudo sociolinguístico e/ou embasado na Teoria do Poder e da Solidariedade que o tenha investigado no falar de Fortaleza, empreendemos esta pesquisa com o objetivo de verificar qual a forma de tratamento nominal (*mulher* vs. *minha filha*) mais usada pelos fortalezenses. De igual modo, intentamos identificar quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos favorecem a realização variável da forma de tratamento nominal *mulher*, em coocorrência com *minha filha*.

¹ Legenda: Inf. = informante; Inq. = Inquérito.

Para tanto, selecionamos uma amostra de linguagem falada que reflete o comportamento linguístico de 53 informantes alocados nos inquéritos do tipo Diálogo entre Dois Informantes (D2) e disponíveis no acervo sonoro do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Como premissas iniciais, acreditamos que: (i) a variante *mulher* tende a ser mais usada do que o *minha filha*, entre os fortalezenses; (ii) dentre os fatores linguísticos,² o tópico discursivo (conversas amorosas e brincadeiras) e o tipo de relato (original) favorecem o uso de *mulher* e, (iii) dentre os fatores extralinguísticos, o sexo (feminino), a faixa etária (mais jovens) e a escolaridade (menos escolarizados) condicionam positivamente o uso da variante *mulher*.

Inserida em um projeto maior (Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos de Fortaleza - CE)³, esta pesquisa, além de preencher uma lacuna no quadro dos estudos sobre as formas de tratamento nominais em Fortaleza, contribui com a descrição do português falado em uma das maiores metrópoles brasileiras, *em sentido específico*, e adiciona uma importante peça ao mapeamento sociolinguístico do português brasileiro, *em sentido amplo*, que há pouco mais de cinco décadas é empreendido por inúmeros pesquisadores em diferentes instituições do país.

Além desta introdução e das considerações finais, este artigo é composto por mais três seções. Na primeira, colocamos em discussão algumas das principais premissas da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008) e da Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960). Ainda na primeira seção, discutimos algumas questões que envolvem a compreensão das formas de tratamento nominais. Na segunda seção, delineamos os principais passos metodológicos percorridos para a realização desta pesquisa. Na terceira seção, por sua vez, apresentamos e discutimos os achados deste estudo.

² Tanto os fatores linguísticos como extralinguísticos testados nesta pesquisa são apresentados na seção dedicada a nossa metodologia.

³ Sob a coordenação da Profª. Dra. Aluiza Alves de Araújo e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), o referido projeto tem buscado estudar os mais diferentes fenômenos de variação linguística nos níveis fonológico, morfológico e sintáticos do falar de Fortaleza – CE. Mais informações podem ser obtidas através do seguinte endereço eletrônico: <http://www.uece.br/posla/index.php/projetos-de-pesquisa/linha-02>.

1. Aporte teórico e as formas de tratamento nominais: algumas considerações

A premissa de que as línguas naturais são fenômenos heterogêneos está presente já nos trabalhos de Saussure (2012) que, tradicionalmente, inauguraram a linguística tida como moderna. De igual modo, esse reconhecimento há tempos vem suscitando discussões acaloradas e dividindo opiniões entre os estudiosos. Contudo, somente em meados da década de 1960, a heterogeneidade linguística passou a ser reconhecida como uma propriedade das línguas naturais e, como tal, merecedora e passível de observação sistemática. O êxito maior quanto à observação dos inúmeros fenômenos de variação linguística, fruto da heterogeneidade sistemática, foi alcançado pela Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008), cujo maior expoente é o linguista norte americano William Labov.

Dentre as ideias defendidas por Labov (1994, 2006, 2008), destacamos o pressuposto de que a variação linguística é um fenômeno inerente a toda e qualquer língua natural e que as chamadas variantes linguísticas – formas diferentes de dizer a mesma coisa do ponto de vista referencial (LABOV, 2008) – não são usadas aleatoriamente, mas sempre a partir de um delicado jogo de interação entre fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que pressionam de modo favorável (ou não) o uso de uma ou de outra forma variante (TARALLO, 1985).

Faz parte, portanto, das tarefas do pesquisador sociolinguista deslindar, sempre com base na linguagem em uso, quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos atuam sobre um determinado fenômeno de variação. Em outras palavras, a Sociolinguística Variacionista busca observar a estrutura linguística em consonância com a estrutura social (CALVET, 2009).

Assim como a Sociolinguística Variacionista, encontramos a Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) propondo a observação das línguas naturais “não apenas ou tão somente pelo tipo de sistema que ela é, mas pelo modo através do qual ela se relaciona com seus exteriores teóricos, com o mundo externo, com as condições múltiplas e heterogêneas de sua constituição e funcionamento” (MORATO, 2011, p. 312). Ao focar na linguagem em uso, é notável como Brown e Gilman (1960) e seus adeptos focam suas discussões em torno das formas de tratamento, bem como dos fatores que interferem no uso de tais formas.

Dessa maneira, embora aconteçam de diferentes modos, é fato conhecido que as formas de tratamento estão ligadas a muitos fatores, frutos das mais variadas situações de interação em que atuam os sujeitos. Seguindo a linha de

raciocínio de Brown e Gilman (1960), Preti (2004) indica que fatores como a *intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia e poder* são apenas alguns dos elementos que fazem com que usemos uma forma variante em detrimento de outra, conforme as diversas situações de interação.

Além disso, o uso das formas de tratamento varia tanto de localidade para localidade, principalmente quando consideramos dois países diferentes, a exemplo de Portugal e Brasil. Mesmo tendo como língua materna o português, indivíduos que saem de um país para outro podem ter dificuldade quanto ao uso das formas de tratamento, visto que elas não se comportam da mesma maneira, em países como o Brasil e Portugal.

Com essas considerações, vemos que a premissa é a de que o uso de cada forma de tratamento não acontece aleatoriamente, mas sim dependendo de vários fatores, dentre eles o *status* e o papel social que exercemos. Preti (2004) ainda informa que o *status* pode ser tanto adquirido como atribuído, mas que isso vai exigir do indivíduo determinados comportamentos considerados convenientes para o papel que ele ocupa. O autor enfatiza que a leitura feita sobre o outro não se limita à postura ética, mas a todo o conjunto, como, por exemplo, seu modo de falar e sua aparência.

Quando dizemos que a pessoa que ocupa um *status* deve subordinar-se a certos comportamentos, queremos referir-nos, de maneira ampla, não apenas a posturas éticas, mas também a aspectos ligados à sua representação física, à sua aparência, ao seu vestuário. E, também, à sua linguagem, componente importante na criação de sua imagem. Esse conjunto de normas relativas a cada *status* tem o nome de *papel social* (PRETI, 2004, p. 181, grifos do autor).

O que se observa é que as normas regem toda a sociedade. Para cada função social que exercemos, nossa forma de vestir e falar deve estar de acordo com o comportamento que exige nossa função. Isso também se reflete nas línguas. Não é à toa que usamos formas de tratamento mais respeitadas com as pessoas mais velhas, com pessoas que temos pouca ou nenhuma intimidade. Mesmo nas relações de solidariedade, segundo Brown e Gilman (1960), há necessidade de determinadas adequações. Não é comum alguém chamar um amigo íntimo e de idade próxima de *senhor*, salvo os casos em que o uso dessa forma ocorre em tom de ‘brincadeira’. De igual modo, o uso de uma variante como o *senhor* durante uma conversa com pouca formalidade poderia gerar desconforto, devido ao uso impróprio do tratamento (BROWN; GILMAN, 1960).

Quanto aos estudos descritivos sobre as formas de tratamento, encontramos ainda os trabalhos de Machado (2010), Campelo (2011), Santos (2013), Matos Lisboa (2012) e Valente e Rodrigues (2015) que abordam esse assunto no cenário brasileiro. Sobre os estudos mais recentes, encontramos o trabalho de Valente e Rodrigues (2015) que analisa as formas nominais de tratamento na função de vocativo, encontradas nas falas de acusados de atos criminosos em entrevistas de programas policiais (Barra Pesada (CE), Cidade 190 (CE), Sem meias palavras (PE) e Bronca Pesada (PE)), nos estados do Ceará e Pernambuco.

Nesse último estudo, foram examinados 20 informantes (cinco adolescentes cearenses, cinco adultos cearenses, cinco adolescentes pernambucanos e cinco adultos pernambucanos). De igual modo, Valente e Rodrigues (2015) controlaram os seguintes grupos de fatores extralinguísticos: faixa etária, localização geográfica e, como grupos de fatores de natureza linguística, controlaram a posição do vocativo na oração e o tempo verbal da oração. A partir dos dados coletados e analisados, os autores observaram o amplo uso das formas *rapaz, macho, cidadão, senhor, meu irmão, doido, homem e menino* na fala dos indivíduos dessa comunidade de prática.

Matos Lisboa (2012) analisa o uso das formas de tratamento direcionadas aos profissionais da área jurídica em uma comunidade de prática da Defensoria de Niterói. Segundo a autora, foram encontradas em sua amostra as formas *doutor(a), senhor(a), você*, como tratamentos carinhosos através de diminutivos de seus nomes próprios, além de algumas formas nominais aproximativas como *querida, (minha)filha, amor e cara*.

Os auxiliares jurídicos trocam tratamentos simétricos através do pronome *você*, de seus nomes próprios ou de diminutivos carinhosos. Os estagiários que ainda não são profissionais jurídicos e não possuem uma posição hierárquica bem definida, mantendo uma relação solidária com os auxiliares jurídicos, e, a depender de quem esteja se dirigindo a eles e do contexto da interação, irá se direcionar a eles por meio da forma *doutor*.

Matos Lisboa (2012) constata ainda a existência e a perpetuação do uso da forma de tratamento *doutor* dispensada aos profissionais da área jurídica, entre os membros da comunidade de prática, principalmente, para os cargos de maior hierarquia. “Deste modo, prevalecem as relações de poder entre os membros que possuem posições hierárquicas distintas entre os seus cargos e relações de solidariedade entre aqueles que estão no mesmo nível da hierarquia profissional” (MATOS LISBOA, 2012, p.10). Percebeu-se também que o direcionamento da forma *doutor* entre aqueles que frequentam a comunidade varia com outras formas de tratamento (*senhor, você* e outras formas nominais)

e não consiste na maior parte dos tratamentos usados. Quanto às interações entre assistidos e profissionais jurídicos, a forma que teve maior frequência de uso nesta comunidade não foi o tratamento de *doutor*, mas sim as ‘formas nominais’, seguidas de *você* e *senhor*.

Campelo (2011) apresenta a contribuição da metáfora antropofórica⁴ para a compreensão da formação dos nomes próprios (antropônimos), das formas de tratamento lexicais (axiônimos) e gramaticais (proformas nominais pessoais). Em sua pesquisa, são 25 formas analisadas provenientes tanto de obras de ficção quanto de um *corpus* de linguagem oral. O autor verifica que algumas formas de tratamento marcam simetria e distensão, como *cara*, *meu amigo*, *meu irmão*, enquanto outras são restritas a algumas regiões, como *meu*, para São Paulo, e *macho véi* (variantes *macho*, *mah*), para o Ceará. Campelo (2011) conclui que a axionímia lexical “representa um estágio de metaforização em que há uma recuperação da motivação referencial original de forma mais direta, tais como nos axiônimos estratofóricos, etnofóricos, cronofóricos, androfóricos, calofóricos, genofóricos, toposfóricos, trofosfóricos, zoofóricos e escatofóricos” (CAMPELO, 2011, p.150).

Machado (2010) estuda as formas de tratamento da 2ª pessoa no falar de Aracaju-SE. Segundo a autora, a intenção do falante e o tipo de impacto causados no interlocutor estão relacionados aos pronomes e estão divididos conforme o grau de subserviência; formalidade/respeito; ou, ainda, de acordo com a intenção de criar uma situação de intimidade com o interlocutor.

O uso de *doutor(a)*, segundo a autora, ocorre de forma indiscriminada, em que se considera o interlocutor como detentor de maior poder intelectual e com maior prestígio social; porém, esse mesmo pronome pode indicar formalidade ou respeito em seu uso mais contido.

Os pronomes *senhor(a)*, *dona* e *seu* indicam formalidade e respeito e são de uso comum em diferentes esferas da sociedade e são pronunciados tanto de maneira recíproca, quanto em relações de poder assimétricas⁵. Já as formas de tratamento “*moço(a)*, *tio(a)*, *mulher/[mulhé]*, *homem [ómi]*, *meu irmão*

⁴ Segundo Campelo (2011, p.133), “a metáfora antropofórica funda a construção da referência humana em caráter lexical e gramatical. Por meio da metáfora antropofórica lexical, nomes em geral servem de fonte para a dação de antropônimos e axiônimos, vez que se selecionam traços semânticos culturalmente relevantes dos referentes e eventos designados por tais nomes”.

⁵ As relações assimétricas são aquelas relações interpessoais em que um indivíduo exerce poder sobre o outro, como nas relações entre chefe e funcionário, pais e filhos, professor e aluno ou médico e paciente.

[*mermão*], *brother*, [*fia*], *compadre* [*cumpadi*], *comadre* [*cumadi*], *meu filho* [*mofio*], *madame* e *senhorita*” (MACHADO, 2010, p.8-9) indicam intimidade entre os interlocutores. O uso de *tio(a)* restringe-se às crianças e jovens quando se dirigem a pessoas mais velhas que eles e tentam criar uma noção de proteção do adulto com relação ao mais jovem. A autora mostra um fato curioso relacionado ao uso de *meu filho*, que ocorre entre amigos jovens da mesma idade. “É que esse tratamento é usado para demonstrar ou confirmar que o falante tem mais razão ou mais entendimento em algum aspecto com relação ao ouvinte” (MACHADO, 2010, p.9).

A autora pode constatar na pesquisa que o falar aracaajuano, ligado às formas de tratamento analisadas, “revela as relações sociais existentes, assim como explicita as significações de algumas práticas sociais cotidianas dessa comunidade linguística”. (MACHADO, 2010, p.11).

Na pesquisa realizada em Jequié-BA sobre as formas de tratamento dirigidas às mães, Santos (2013) encontrou as formas *mainha* (32%), *mãe* (29%), *minha mãe* (26%), *mamãe* (7%) e outra forma: *mãenhê*, *maminha*, *brodinha*, *coroa*, *filha*, *rapaz* e *bebê* (7%). A autora observou que não apenas os fatores sociais (faixa etária, escolaridade e gênero) influenciaram o favorecimento de uma das variantes, como também isso foi constatado com o registro. Nas falas mais espontâneas, o uso da forma *mãe* é mais acentuado, enquanto nas falas menos espontâneas há a predominância da forma *mainha*.

De modo geral, constatamos o escasso material referente à forma de tratamento que não esteja ligada às formas pronominais no Brasil. O mesmo não ocorre na Europa, visto que há muitas pesquisas lá que abordam o uso das formas de tratamento nominais. Autores como Rodrigues (2003), que estuda as formas de tratamento associadas à questão da cortesia e Duarte (2010, 2011), que aborda essa questão no ensino de língua materna, são alguns dos quais podemos citar.

2. Procedimentos metodológicos

2.1 O corpus, a amostra de fala e os informantes

Conforme os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, construímos, para este estudo, uma amostra de fala extraída do acervo sonoro do projeto NORPOFOR. Construído nos moldes da Sociolinguística Variacionista e seguindo o modelo de outro grande bando de dados sociolinguístico, isto é, o projeto Norma Urbana Culta do Brasil (NURC), o NORPOFOR foi organizado com

o intuito de “armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos fortalezenses” (ARAÚJO, 2007, p. 52). Além disso, Araújo (2011) destaca que, até a construção do NORPOFOR, não havia nenhum outro *corpus* que fosse quantitativamente representativo da variedade popular da cidade de Fortaleza – CE, muito menos “que controlasse as variáveis gênero, faixa etária, escolaridade e tipo de registro” (ARAÚJO, 2011, p. 836).

Construído entre os anos de 2003 a 2006, o NORPOFOR é constituído hoje por 198 informantes, estratificados de modo relativamente equilibrado, conforme o sexo/gênero⁶ (masculino e feminino), a faixa etária (I – 15 a 25 anos; II – 26 a 49 anos e III – 50 anos em diante), a escolaridade (A – 0 a 4 anos; B – 5 a 8 anos e C – 9 a 11 anos) e o tipo de inquérito: DID (Diálogo entre Informante e Documentador), EF (Elocução Formal: aulas ministradas por professores leigos, pregações ou palestras) e D2 (Diálogo entre Dois Informantes). A partir de um recorte no quadro geral dos informantes que compõem o NORPOFOR, construímos a amostra de fala usada neste trabalho.

Assim, selecionamos 53 informantes alocados somente no tipo de inquérito D2 por acreditarmos que essa modalidade de inquérito apresenta o falar mais espontâneo do NORPOFOR. Isso se deve ao fato de que, nas gravações do tipo D2, não há a presença de um pesquisador/entrevistador (geralmente um sujeito desconhecido pelo informante) e os diálogos são mantidos por pessoas que já se conhecem e/ou mantêm algum laço familiar e/ou afetivo entre elas. Além disso, Araújo (2011) esclarece que, no D2, os interlocutores podiam escolher o(s) assunto(s) de maior interesse para ambos, e, em geral, suas conversas abordavam temas do cotidiano, como trabalho, família e lazer.

Araújo (2011) também atesta que, ao falar sobre assuntos dessa natureza, “o informante se envolvia, emocionalmente, com o conteúdo narrado, despreocupando-se com a forma como falava” (ARAÚJO, 2011, p. 842). Utilizando a estratégia de narrativa de experiência pessoal, a tensão da situação era amenizada, facilitando o surgimento do *vernáculo*, isto é, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p.244). O vernáculo, por sua vez, figura como o alvo principal da pesquisa sociolinguística variacionista.

Os 53 informantes selecionados para este estudo foram devidamente estratificados, segundo o sexo/gênero (masculino e feminino), a faixa etária (15-25

⁶ Embora a autora tenha trabalhado apenas com o termo gênero, frisamos que, em nossa pesquisa, adotamos também o termo sexo, visto que as distinções feitas dos falantes, em relação a essa variável social, aconteceram, essencialmente, com base em distinções biológicas.

anos; 26-49 anos e 50 anos em diante) e a escolaridade (0-4; 5-8 e 9-11), ou seja, a estratificação social dos informantes se deu conforme a divisão estabelecida no NORPOFOR. Quanto à divisão dos informantes por células, pontuamos que foram alocados 3 indivíduos em cada uma delas, com exceção da célula em que os informantes apresentam as seguintes características: sexo/gênero feminino, com 0-4 anos de escolaridade e com 15-25 anos de idade. Para essa célula, foram selecionados apenas 2 informantes, isso porque o próprio NORPOFOR só apresenta 2 informantes com essa estratificação. Para que possamos visualizar melhor a seleção e distribuição, por célula, dos informantes deste trabalho, vejamos o quadro 1:

Quadro 1: Distribuição dos informantes por variáveis sociais controladas na nossa amostra.

	Gênero/sexo					
	Masculino (M)			Feminino (F)		
Escolaridade Faixa etária	0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)	0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)
15 a 25 anos (I)	3	3	3	2	3	3
26 a 49 anos (II)	3	3	3	3	3	3
a partir dos 50 anos (III)	3	3	3	3	3	3

Fonte: adaptado de Araújo (2011)

Ainda sobre a seleção dos informantes, pontuamos que, conforme os critérios adotados por Araújo (2011): (i) os entrevistados são pessoas nascidas ou que vieram do interior do Ceará e se estabeleceram em Fortaleza com até 5 anos de idade, no máximo; (ii) residem na capital cearense; (iii) possuem pais cearenses; (iv) nunca se ausentaram de Fortaleza e, se o fizeram, nunca foi por um período maior do que dois anos. Tais critérios foram devidamente adotados com o intuito de “neutralizar a influência dos falares de outras regiões” (ARAÚJO, 2007, p.53).

2.2 Variáveis dependentes e independentes controladas

A variável dependente observada, neste trabalho, é de natureza binária, isto é, comporta duas variantes linguísticas (SCHERE; NARO, 2012). De modo mais

específico, o fenômeno de variação investigado, neste trabalho, é composto pelas formas de tratamento nominais *mulher* vs. *minha filha*. Deve-se esclarecer que o termo *variável dependente* é empregado no sentido de que o uso das variantes que a constituem “não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural” (MOLLICA, 2012, p. 11). Uma vez identificado o fenômeno variável investigado, bem como as variantes que o compõem, selecionamos as variáveis independentes de natureza linguística e extralinguística controladas no trabalho.

Desse modo, testamos, ao todo, 12 variáveis linguísticas, a saber: **a**: tipo de referente; **b**: estrutura do verbo; **c**: posição em relação ao verbo; **d**: paralelismo; **e**: efeito gatilho; **f**: tipo de verbo; **g**: tópico discursivo; **h**: tempo verbal; **i**: tipo de entonação; **j**: tipo de relato **l**: concordância com o verbo e **m**: polaridade da sentença.

Sobre a seleção das variáveis linguísticas, é bom dizer que por não termos notícias de nenhum outro estudo variacionista sobre o uso das formas nominais de tratamento *mulher* vs. *minha filha* – o que nos deixou sem parâmetros para seguir quanto à seleção das variáveis linguísticas – optamos por testar variáveis que foram trabalhadas por outros estudiosos durante a observação do uso variável de pronomes pessoais como o *tu* e *você*, amplamente documentado no português do Brasil (OLIVEIRA, 2005; ALVES, 2010; MARTINS, 2010; BABILÔNIA; MARTINS, 2011; NOGUEIRA, 2013).

Como grupos de fatores extralinguísticos, testamos 5 variáveis, a saber: **a**: faixa etária; **b**: escolaridade; **c**: sexo/gênero; **d**: o grau de intimidade entre os informantes e **e**: o tipo de relação entre os interlocutores.

2.3 Ferramenta estatística

Para as análises estatísticas, adotamos o GoldVarb X⁷ (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), programa computacional muito usado entre os variacionistas. Atualmente, o GoldVarb X figura como uma adaptação do VARBRUL (cf. PINTZUK, 1988) para o ambiente *Windows* (SCHERRE, 2012). De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 105), “o Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”. As análises são tidas como multivariadas porque permitem “separar, quantificar e testar a significância dos

⁷ É possível ter acesso, gratuitamente, ao GoldVarb X através do endereço: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>.

efeitos dos fatores contextuais em uma variável linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p.34).

Com o auxílio do GoldVarb X foi possível observar, em termos de porcentagem, qual a variante (*mulher* vs. *minha filha*) tende a ser mais usada pelos informantes, na amostra de fala deste trabalho. Além disso, o programa também revelou, por ordem de relevância, os fatores que atuam positivamente e/ou negativamente sobre o uso da variante *mulher*, através da observação dos chamados pesos relativos. Durante o manuseio dos pesos relativos, que são estabelecidos entre 0 e 1,00, entenderemos, conforme Guy e Zilles (2007, p. 211) que, para uma variável binária, seu “efeito [...] pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo”.

3. Apresentação e discussão dos resultados

Na primeira rodada, obtivemos 283 dados. No entanto, vimos que surgiram *nocautes*,⁸ porque não foram encontrados dados para a variante *minha filha* nos fatores: posição do pronome depois do verbo (com 04 dados para *mulher*); locuções verbais (com 01 dado para *mulher*); imperativo (com 01 dado para *mulher*); futuro do indicativo (com 01 ocorrência para *mulher*); tipo de verbo, os *dicendi* (01 dado para *mulher*) e os que indicam estado (03 dados para *mulher*); tópico discursivo, as conversas amorosas (com 05 dados para *mulher*), recordações (com 03 dados para *mulher*) e conversas sobre trabalho (04 dados para *mulher*). De igual modo, não houve dados para *mulher* no grau de simetria, parcialmente simétrico (com 01 dado para *minha filha*).

Dada a impossibilidade de prosseguirmos a análise com *nocautes*, optamos por excluir de nossa amostra os fatores nocauteados, bem como o *singleton group*⁹ que apareceu nas variáveis: paralelismo (retirada por não ocorrer casos para *minha filha*, com primeiro da série) e grau de intimidade (que só apresentou dados no fator alto grau de intimidade para as duas formas).

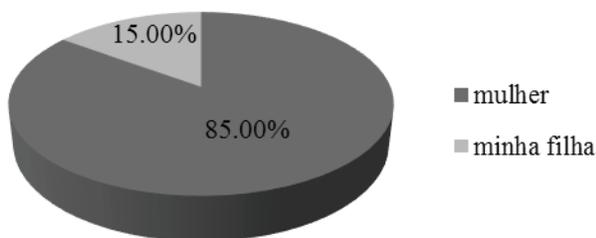
Sem *nocautes* e sem *singleton groups*, restaram, para a segunda rodada, 261. Contudo, precisamos realizar ainda uma terceira rodada, porque apareceu um *singleton group* na variável entonação por não haver dados em frases

⁸ Os *nocautes* são entendidos como um problema para as análises estatísticas fornecidas pelo GoldVarb X, pois implicam dizer que, em um dado contexto, o uso de uma determinada variante foi categórico, ou seja, não houve variação (GUY; ZILLES, 2007).

⁹ O *singleton group* ocorre quando encontramos apenas ocorrências para um só fator de uma variável.

interrogativas para *minha filha* (12 dados para *mulher*). Eliminada a variável, ainda ficamos com 261 ocorrências, sendo 223 ocorrências para *mulher* (85%) e 38 para *minha filha* (15%), como podemos ver no gráfico 1.

Gráfico 1: Percentuais obtidos para as variantes *mulher* e *minha filha* após a retirada dos nocautes.



Esses resultados nos indicam que, conforme nossa expectativa inicial, a variante *mulher* tende a ser mais usada na amostra examinada nesta pesquisa. Tendo em vista que o uso da variante *mulher* prevaleceu em nossos dados, decidimos que todas as rodadas seguintes no GoldVarb X seriam realizadas em função da variante *mulher*. Em outras palavras, passamos a observar quais fatores linguísticos e sociais interferem, principalmente, no uso da forma *mulher* em coocorrência com a variante *minha filha*.

Após nossa tomada de opção metodológica, os 261 dados foram submetidos ao GoldVarb X que apresentou o *step up* 15 (*Input* 0.890, *Log likelihood* = 92.597, *Significance* = 0.004) como sendo o melhor da rodada. Dos 12 grupos de fatores submetidos à análise, apenas dois foram selecionados pelo programa. São eles, por ordem de maior relevância: *faixa etária* e *escolaridade*. Essa seleção confirma, em parte, nossa expectativa inicial. Conforme pontuamos na introdução deste artigo, a princípio, esperávamos mesmo que as variáveis *faixa etária* e *escolaridade* se mostrassem aliadas ao fenômeno em estudo, contudo esperávamos ainda que a variável *sexo/gênero* também fosse apontada como relevante para esta pesquisa, hipótese que foi refutada pelos dados em análise.

Além da variável extralinguística *sexo/gênero*, inicialmente, supomos também que variáveis linguísticas se mostrariam pertinentes para o uso de *mulher* vs. *minha filha* na amostra desta pesquisa. No entanto, todas as variáveis linguísticas testadas foram descartadas pelo GoldVarb X. Em suma, as variáveis *sexo/gênero*, *posição da forma em relação ao verbo*, *estrutura de verbo*, *tipo*

de discurso, tempo verbal, tipo de verbo, grau de simetria, tópico discursivo, polaridade e efeito gatilho não foram selecionadas pelo programa. Enquanto que, as variáveis extralinguísticas *faixa etária* e *escolaridade* foram as únicas apontadas como estatisticamente relevantes para a pesquisa.

Na sequência, apresentamos e analisamos os resultados obtidos para a atuação das variáveis *faixa etária* e *escolaridade* sobre o uso da variante *mulher* em nossa amostra.

Faixa etária

Tabela 1: Atuação da faixa etária sobre a forma *mulher* (*mulher x minha filha*).

	Aplica/Total	%	P.R.
Faixa etária I (15 a 25 anos)	110/117	94	0,75
Faixa etária II (26 a 49 anos)	105/129	81	0,31
Faixa etária III (mais de 50 anos)	8/15	53	0,14

A faixa etária foi selecionada como a variável mais relevante neste estudo. Como podemos ver na tabela 1, os pesos relativos indicam que a única faixa etária que favorece o uso da forma *mulher* é a dos mais jovens (15 a 25 anos), com peso relativo igual a 0,75. Esse resultado confirma nossa expectativa inicial para o comportamento dos informantes mais jovens diante da variante *mulher*. Já a faixa etária intermediária (26 a 49 anos) inibe o uso da variante *mulher*, com peso relativo de 0,31. De igual modo, a faixa dos mais velhos (mais de 50 anos) se revelou, em comparação com a faixa dos adultos (26 a 49 anos), ainda mais desfavorável ao uso da forma de tratamento em análise, atingindo 0,14 de peso relativo.

Na busca por explicações para os resultados obtidos com a variável faixa etária sobre o uso da forma de tratamento nominal *mulher*, mobilizamos a perspectiva da Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960). Assim, convém indicar que o termo *mulher* indica uma relação de solidariedade, de simetria, enquanto *minha filha*, associado à relação familiar, sugere uma relação, apesar de próxima, assimétrica, de cima para baixo. Isso, talvez, explique porque a forma *mulher* tende a ocorrer no sentido contrário de *minha filha*, isto é, de baixo para cima, ou, em outros termos, tende a prevalecer no falar dos mais jovens e não dos mais velhos.

De acordo com Soares (1980, p.56), “a expressão *meu filho* ou *minha filha* é bastante comum da parte de pessoas mais velhas para mais jovem, independentemente do sexo”. Nossos dados mostram que, apesar de não ser possível confirmar seu favorecimento ou não neste estudo, é possível perceber, pela análise das percentagens (Faixa etária II: 26 a 49 anos (81%); Faixa etária III: mais de 50 anos (53%)), que a variante *minha filha* é mais saliente na fala de pessoas mais velhas.

b) Escolaridade

Tabela 2: Atuação da escolaridade sobre a forma *mulher* (*mulher x minha filha*).

	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	14/19	73	0,40
5 a 8 anos	77/84	91	0,74
9 a 11 anos	132/158	73	0,37

A segunda e última variável selecionada pelo GoldVarb X como pertinente para o uso da variante *mulher*, neste estudo, foi a *escolaridade*. Os pesos relativos obtidos para esse grupo de fatores revelam que a forma *mulher* é favorecida apenas pelos falantes com escolaridade média (0,74), já que tanto os de menor escolaridade (0,40) como os de maior escolaridade (0,37) inibem o seu uso, como indica a tabela 2.

De grande valia para os estudos variacionistas, a escolaridade é vista como importante variável para observação das tendências de distribuição, atribuição de valores e, conseqüentemente, encaixamento das variantes linguísticas em determinadas comunidades de fala. Nesse sentido, ao estudar o inglês falado em Nova Iorque, Labov (2008) constatou que os informantes com nível de escolaridade mais baixo tendem a usar, com maior frequência, as variantes não padronizadas e, em alguns casos, estigmatizadas. Por outro lado, as formas padronizadas e, geralmente, bem avaliadas socialmente, tendem a ser mais utilizadas pelos falantes com maior escolarização.

A partir da descoberta de Labov (2008), muitos estudiosos têm observado a variável escolaridade em seus estudos e constatado que, de fato, falantes mais escolarizados tendem a usar variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente (SCHWINDT *et al.*, 2007). Essa realidade aponta a forte influência que a escola exerce sobre o comportamento linguístico dos falantes. Assim:

[...] a atuação da escola [...] é um fator que busca homogeneizar a língua em todo o território brasileiro, independentemente das divisões sócio-geográficas. Essa pretensa homogeneização se dá rumo à fala urbana, que, por sua vez, caminha em direção à língua padrão, à língua dos nossos colonizadores europeus, já que, até hoje, é a língua portuguesa (e não o português brasileiro) que ocupa o lugar central (e/ou único) nas escolas brasileiras (RIBEIRO; LACERDA, p. 96, 2013).

Tendo em vista que as formas de tratamento *mulher* e *minha filha* não são objeto de ensino dos grandes bancos escolares, esperávamos, inicialmente que os falantes com menos escolaridade favorecessem a variante *mulher*. Tal hipótese, por sua vez, não se confirmou, pois foram os falantes com escolaridade média que favoreceram o uso de *mulher*. Com isso, vemos que a forma *mulher* não é estigmatizada, pois, apesar de os falantes mais escolarizados não a favorecerem, os que possuem escolaridade mediana, conforme colocamos acima, beneficiam o uso da forma *mulher* de forma muito expressiva. Além disso, o uso das duas variantes (*mulher* e *minha filha*) só ocorreu em situação de alto grau de intimidade entre os falantes. Isso revela que, nas relações solidárias, os falantes de escolaridade mediana preferem o uso da forma *mulher*.

É válido destacar ainda que as formas *mulher* e *minha filha* são mais presentes no falar das mulheres fortalezenses. Isso porque, durante nossas análises, encontramos apenas seis ocorrências para a variante *mulher* na fala dos informantes do sexo/gênero masculino e duas para a variante *minha filha*, indicando que, de fato, essas formas de tratamento são usadas preferencialmente por mulheres.

Considerações finais

Neste trabalho, observamos à luz da Sociolinguística Variacionista e da Teoria do Poder e da Solidariedade, a variação no uso das formas de tratamento nominais *mulher* e *minha filha*, em uma amostra de fala do português popular de Fortaleza – CE. O intuito maior foi observar quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos interferem de modo favorável ou não na realização da variante *mulher*. Dentre os achados desta pesquisa, vimos que o uso da variante *mulher* tende a ocorrer com maior frequência (85%) do que a forma *minha filha* (15%) na amostra examinada.

Quanto à atuação das variáveis favoráveis ao fenômeno estudado nesta pesquisa, verificamos que as variáveis *faixa etária* e *escolaridade*, nessa mesma ordem, são relevantes para este trabalho. Com a atuação da *faixa etária*,

descobrimos que os falantes mais jovens favorecem o uso da forma *mulher*, ao contrário dos informantes mais velhos selecionados para este estudo. A variável escolaridade, por sua vez, indicou que o nível intermediário (5-8 anos de escolarização) atua de modo positivo sobre a realização da variante *mulher*. Por outro lado, os níveis 0-4 anos e 9-11 anos de escolaridade tendem a inibir o uso dessa forma na amostra de fala analisada nesta pesquisa.

Com esses resultados, concluímos que a forma de tratamento nominal *mulher* em coocorrência com *minha filha* se apresenta de maneira diferenciada entre as faixas etárias: enquanto os mais velhos inibem o uso de *mulher*, os falantes mais jovens a beneficiam. O comportamento da referida variante também ocorre de modo diferenciado, segundo os distintos níveis de escolarização dos falantes: apenas os informantes com 5-8 anos beneficiam a ocorrência de *mulher*, enquanto os demais níveis tendem não favorecer essa mesma variante.

Somos levadas a supor ainda que o uso da variante *mulher* também pode ser uma forma de marcar o grupo, como uma questão identitária, posto que, em Fortaleza, é natural esse tipo de tratamento, não sendo considerado pejorativo, já em outras localidades pode ser tachado como vulgar usar a forma *mulher* para se referir a outra pessoa do sexo/gênero feminino.

Referências

- ALVES, C. C. B. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. 2010. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: < http://www.repositorio.ufc.br:8080/ri/bitstream/123456789/3606/1/2010_diss_CCBALVES.pdf >. Acesso em: 05 mar. 2017.
- ARAÚJO, A. A. de. *As vogais médias pretônicas no falar popular de fortaleza: uma abordagem variacionista*. 2007, 152f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2007. Disponível em: www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597. Acesso em: 12 mar. 2017.
- _____. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF (CiFEFil), *Anais...* 2011. v. XV. p. 835-845. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf. Acesso em: 28 maio 2017.
- BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A. A influência dos fatores sociais na alternância tu/você na fala manauara. *Revista Guavira Letras*, v. 13, p. 49-60,

2011. Disponível em: <websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/viewFile/.../160>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBOK, T. A. (ed.) *Style in Language*. Cambridge: Massachusetts, MIT Press, p. 253-281, 1960. Disponível em: <<http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Brown-Gilman-Pronouns.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMPELO, K. M. A contribuição da metáfora antropofórica para a compreensão da formação dos nomes próprios (antropônimos) e das formas de tratamento lexicais (axiônimos) e gramaticais (proformas nominais pessoais). *Veredas*, v.2, p. 133-152. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/artigo-112.pdf>>. Acesso em: 30 de nov. 2016.
- CINTRA, L. F. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte. 1972.
- DUARTE, I. M. Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In: *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, p. 133- 146, 2010. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25334/2/isabelduarte-formas000100229.pdf>> Acesso: 02 abr. 2014.
- _____. M. Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. *Matraga*, v.18, n. 28. Rio de Janeiro: jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga28/arqs/matraga28a03.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2014.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, W. Principles of linguistic change: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994. p. 156-159. Disponível em: <<http://eng.sagepub.com/content/25/2/156.extract>>. Acesso em: 28 maio. 2017.
- _____. *Principios del cambio lingüístico: factores sociales*. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.
- _____. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MACHADO, A. L. G.. Relações sociais como fatores decisivos no uso de pronomes de tratamento de 2ª pessoa. In: VI Simpósio Nacional Estado e Poder: cultura, 2010, São Cristóvão. *Anais...* 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT8/GT8-ANA.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

- MARTINS, G. F. *A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé- Estado do Amazonas*. 2010. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/6996/3/2010_GermanoFerreiraMartins.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- MATOS LISBOA, C. M. de O. *Doutor e outras formas de tratamento direcionadas aos profissionais jurídicos: análise de uma comunidade de prática à luz da terceira onda da sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Estudos de linguagem), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015. Disponível em: <www.repositorio.uff.br/jspui/handle/1/3105>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- MOLLICA, M. C. A relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p.27-31.
- NOGUEIRA, F. M. S. B. *Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?* 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Língua e Cultura. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<http://www.ppglinc.letras.ufba.br/sites/ppglinc.letras.ufba.br/files/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Francieli%20Nogueira.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2017.
- OLIVEIRA, L. A. F. de. Tu e você no português afro-brasileiro. *Comunicação ao VI Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA*. Salvador, 2005.
- PINTZUK, S. *Programas VARBRUL*. Rio de Janeiro-RJ, UFRJ, 1988.
- PRETI, D. A. *Estudos de língua oral e escrita*. (Série Dispersos). Rio de Janeiro: Ed. Lucena, 2004.
- RIBEIRO, P. R. O. ; LACERDA, P. F. A. da C. Variação, Mudança e não mudança linguística: resignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. *Revista Lingüística*, v. 09, n. 2, p.91-105, 2013. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1bWqtllL1kJ:www.revistalinguistica.letras.ufrj.br/index.php/revistalinguistica/article/download/77/205+&cd=2&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 22 mar. 2017.
- RODRIGUES, D. F. *Cortesia Linguística*. 2003. 508f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003. Disponível em <http://www.es.eipvc.pt/drodrigues/teses/DRodrigues_Doutoramento.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2014.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali. A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ot-

- tawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 28 maio 2017.
- SANTOS, L. S. R. *Formas Nominais De Tratamento Dirigidas Às Mães Por Falantes De Jequié – Bahia*. 2013. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2013. Disponível em: http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2013/06/reis_lucelia.pdf. Acesso em: 05 out. 2016.
- SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens Universidade do Estado da Bahia-BA, v. 04, p. 01-32, 2012. Disponível em: http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf. Acesso em: 05 jan. 2017.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo-SP, Editora Contexto, 2012, p. 147-177.
- SCHWINDT, L. C. S.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E.; GONZALEZ, C. A. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_a_influencia_da_variavel_escolaridade.pdf. Acesso em: 22 jun. 2017.
- SOARES, M. E. *As Formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. 1980. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras). PUC/ Rio, Rio de Janeiro, 1980.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.
- VALENTE, L. P.; RODRIGUES, L. S. RAPAZ, eu não fiz nada não: análise sociolinguística das formas de tratamento na função de vocativo na fala de acusados de atos criminosos. *Web-Revista SOCIODIALETO*, V. 6, n.17, novembro, p. 294-306, 2015. Disponível em: www.sociodialeto.com.br/edicoes/22/03062016072652.pdf. Acesso em: 26 jun. 2017.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Enviado em 26 de junho de 2017.

Aceito em 29 de setembro de 2017.